



Wittgenstein e os possíveis desdobramentos para educação teológica em sua participação no espaço público

Wittgenstein and the possible consequences for theological education in its participation in public space

Marcos Orison Nunes de Almeida²⁴⁷

Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana

André Luiz Borges da Silva²⁴⁸

Doutorando no PPG de Filosofia na Universidade Estadual de Londrina e no de Educação na Universidade Estadual de Maringá

Resumo: O presente artigo tem como objetivo fomentar a importância de Ludwig Wittgenstein para a educação. A partir do conceito de jogos de linguagem, busca-se estabelecer nuances de aproximação a fim de reconhecer e desvendar possíveis desdobramentos das práticas educacionais em ambientes teológicos, principalmente no que diz a respeito à formação de indivíduos, às propostas das matrizes curriculares, às inovações de práticas pedagógicas, entre outras. Intenciona-se fazer uma síntese interpretativa de algumas obras de Wittgenstein, em especial o livro *Investigações Filosóficas*, com foco na noção de jogos de linguagem e com vistas ao estabelecimento de releituras do ensino emancipatório e libertador. A expectativa é estabelecer reflexões pedagógicas para o contexto educacional teológico a partir do estudo da linguagem em perspectiva wittgensteiniana. Tal exercício estabelece também uma inserção no debate no espaço público com a aplicação de conceitos da filosofia da educação à epistemologia do fazer teológico.

Palavras-chave: Educação teológica. Ludwig Wittgenstein. Jogos de linguagem. Teologia no espaço público.

Abstract: This article aims to promote the importance of Ludwig Wittgenstein for theological education. From the concept of language games, we seek to establish nuances of approach, in order to recognize and unveil possible developments of educational practices in

²⁴⁷ Possui doutorado em Teologia (Intercultural Studies) pelo Fuller Theological Seminary; especialização em Missiologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e bacharelado em Teologia pela mesma instituição. Também possui bacharelado em Engenharia Mecânica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É professor titular da Faculdade Teológica Sul Americana, Coordenador dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Teologia EAD e ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

²⁴⁸ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana, licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Intervale, Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Pós Graduação em Filosofia Moderna e Contemporânea na UEL, Pós Graduação em Psicopedagogia pela Faculdade Inesul, Graduando em Filosofia pela UEL. Doutorando em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina e em Educação na Universidade Estadual de Maringá. E-mail: andre.borges@ftsa.edu.br. ID Lattes: 6257331284122323

theological environments, mainly with regard to the training of individuals, the proposals of curricular matrices, the innovations in pedagogical practices, among others. The intention is to make an interpretative synthesis of some of Wittgenstein's works, especially the book *Philosophical Investigations*, focusing on the notion of language games and with a view to establishing reinterpretations of emancipatory and liberating teaching. The expectation is to establish pedagogical reflections for the theological educational context based on the study of language from a Wittgensteinian perspective. This exercise also establishes an insertion in the debate in the public space with the application of concepts from the philosophy of education to the epistemology of theological practice.

Keywords: Theological education. Ludwig Wittgenstein. Language games. Theology in public space.

Introdução

Linguagem e Educação são assuntos que permearam a obra de Ludwig Wittgenstein²⁴⁹, em especial em seu livro *Investigações Filosóficas*. Nessa obra ele fomenta não só noções de educação e linguagem, mas caminha para uma virada de pensamento. Em momento anterior de sua vida, Wittgenstein defendeu um tipo de linguagem mais rígida baseada no simbolismo lógico, como apresentada em sua obra teoria *Tractatus Logico-Philosophicus*. Essas formulações promoveram desdobramentos pedagógicos que impactaram e ganharam espaço nas formações educacionais, em especial, nos ambientes filosóficos do positivismo lógico, como no círculo de Viena. No livro *Investigações Filosóficas*, o filósofo apresenta em forma de crítica os aspectos fundantes que sustentam uma proposta de filosofia educativa absolutista, de vertente tradicional, e faz considerações propositivas para uma alternativa emancipadora, libertadora e promotora de humanização. O fato dessas obras serem consideradas tem o desígnio de pontuar que as linhas de pensamento de Wittgenstein devem ser compreendidas em sua abrangência, caso contrário, a pesquisa e a fundamentação podem cair em certa ingenuidade argumentativa. Desse modo, a pertinência em destacar esses dois momentos do filósofo colabora para a compreensão profunda de seu pensamento e tem como intuito fomentar que essa virada não é algo a ser considerado apenas em perspectiva filosófica, mas também com tonalidade educativa.

A partir dessas considerações iniciais, apresentamos reflexões sobre o pensamento de Wittgenstein a respeito de possíveis desdobramentos para a educação. Desde já, cabe destacar que os desdobramentos teóricos do presente artigo se abalarão principalmente na obra desse filósofo austríaco, na busca um diálogo que terá como finalidade contribuir para os processos educativos teológicos no que competem à formação de indivíduos, desenhos curriculares, relações entre docência e discência, e outras demandas dos saberes e práticas pedagógicas. É importante assinalar também que essa aproximação com Wittgenstein proporciona certa dinamicidade que vai além de mera afinidade, ou seja, a aproximação dialógica com esse pensador tende a um movimento constante nesse artigo, mostrando

²⁴⁹ Além das obras citadas, outras foram consultadas como informado nas referências.

possibilidades teóricas e, ao mesmo tempo, aprofundando novas possibilidades para a práxis teológica educacional.

A relevância desse artigo está em mostrar como o diálogo entre Wittgenstein e a teologia, no que tange a linguagem e educação, pode colaborar com a reflexão sobre os processos educacionais na atualidade, justamente no que compete à formação do teólogo para o serviço à sociedade. Nesse sentido, esta temática é o objeto que se busca elucidar e clarificar, de tal maneira que haja alguma contribuição, com discussões e inserções no campo da educação, mais especificamente, para os círculos da teologia. Assim, este encaminhamento teórico, necessário, pode contribuir para superar instabilidades que ameaçam os saberes educativos e as práticas pedagógicas, questões que também afetam o ensino teológico. Por isso, entende-se que esse artigo se torna relevante para o campo acadêmico e para a sociedade em geral.

As visões educacionais wittgensteiniana tendem a contribuir para as reflexões sobre a educação teológica uma vez que visam a aprendizagem humana em seus aspectos formativos e desdobramentos educativos que não fogem às ordens política, ética e moral. Portanto, ainda que por meio de uma tematização particular, o desejo é clarificar uma tradição de pensamento — na linguagem, educação e teologia — e desvelar a sua continuidade histórica com o presente e com as possibilidades futuras de pesquisa. Nesse sentido, vislumbramos trabalhar com fundamentos históricos e filosóficos que não se pautam em conhecimento dado, simples e abstrato — fora da realidade cotidiana —, mas com conhecimento complexo, concreto, pois “Os conceitos, as definições, as concepções substancialmente interessadas em entender o homem não extrapolam a materialidade das condições nas quais as ideias se gestam”²⁵⁰. É fundamental considerar que a base para a demonstração de uma correspondência dialogal com Wittgenstein está relacionada com o modo como o autor empreendeu a linguagem e a educação a partir da cotidianidade.

1 Wittgenstein: jogos de linguagem e educação

Em Wittgenstein, é notável que “vida e obra é uma dupla ação que transformou um homem num filósofo e um filósofo num homem. A forma como ele concebia sua filosofia, ou sua filosofia de vida, estava sempre conectada com os acontecimentos cotidianos, com sua forma de vida”²⁵¹. Assim, para esse pensador austríaco, linguagem e educação não são demandas desatreladas do cotidiano; verifica-se isso precisamente em sua obra *Investigações filosóficas*. Nessa obra madura de Wittgenstein, é perceptível averiguar que os desdobramentos da linguagem não estão vinculados por uma essência de função designativa, pelo contrário, os mecanismos da linguagem ocorrem a partir dos usos e atividades cotidianas. A teoria dos jogos de linguagem elaborada por esse autor desponta a veemente necessidade de olhar com certo cuidado para a cotidianidade, pois é nela que atua a atividade da linguagem, é nela que se manifestam as formas de vida e, conseqüentemente, é no cotidiano que incide a multiplicidade de jogos de linguagem. Nesse sentido, Wittgenstein é:

²⁵⁰ NAGEL, Lizia Helena. Paganismo e cristianismo: concepção de homem e educação. In: OLIVEIRA, Terezinha (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: EDUEM, 2002, p. 35-45.

²⁵¹ TORREZAN, Marlene. *Wittgenstein: A educação como um jogo de linguagem*. Dissertação. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 8

[...] um autor que se opõe fortemente à ideia de que os conceitos — as palavras que usamos em nossa linguagem — tenham ou possam ter uma essência unitária, capaz de ser descrita ou fixada por algum método especial. Assim, sua principal, intenção, não é, nem poderia ser, criar uma linguagem conceitual própria, enrijecida e artificial, específica para as “explicações” filosóficas (que ele considerava confusões filosóficas). Ao contrário, Wittgenstein busca se manter sempre no plano do uso ordinário das palavras, para mostrar como elas, principalmente as que julgamos corporificar os conceitos mais importantes e misteriosos, variam imensamente em seus modos de emprego. Ou seja, para mostrar como essas palavras — conceitos são usados, nos mais diferentes contextos das mais variadas maneiras [...]. Wittgenstein deseja fugir de qualquer linguajar técnico da filosofia. Acontece, porém, que ele está imerso em uma tradição filosófica muito específica: aquela de pensadores que como Bertrand Russel e Gottlob Frege, haviam revolucionado o pensamento lógico na virada do século 19 para o 20. Sua obra é, nesse sentido, essencialmente uma obra de lógica, em permanente diálogo com a tradição. Uma tradição que havia desenvolvido uma série de conceitos e terminologias de uso razoavelmente técnico e especializado, que Wittgenstein com frequência se vê na obrigação de retomar, ainda que para encaminhá-los em nova direção. Temos assim um autor que deseja manter-se sempre no plano da linguagem cotidiana escrevendo em uma prosa alemã coloquial e fluente.²⁵²

Uma vez que, a partir de Wittgenstein, a linguagem não pode ser entendida de modo determinado, com viés essencialista — idealista — como mera função designativa, cabe, portanto, entender que a ideia de educação também não pode e nem deve admitir rigidez e estagnação. Pelo contrário, ele é um conceito que deve ser compreendido a partir dos vários jogos de linguagem, da dinâmica que a palavra assume na cotidianidade. Assim, através da perspectiva wittgensteiniana é possível denotar que não existem mais possibilidades educacionais unívocas e dogmáticas. A educação, na perspectiva desse pensador vienense, deve alargar-se para assumir um caráter dinâmico e plural. Aqui destacamos um fragmento da obra *Investigações filosóficas* para exemplificar a pluralidade que a linguagem — e conseqüentemente o conceito de educação — assume através do que é considerado como jogos de linguagem:

Mas quantos tipos de frases existem? Talvez afirmação, interrogação e ordem? — Existem incontáveis tipos: incontáveis tipos diferentes de emprego de tudo aquilo que chamamos de “sinais”, “palavras”, “frases”. E essa multiplicidade não é nada fixa, dado de uma vez por todas; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como podemos dizer, surgem e outros

²⁵² RODRIGUES, Giovane; TRANJAN, Tiago. Apresentação. In: WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Fósforo, 2022. p. 9-10.

envelhecem e são esquecidos (Uma imagem aproximada disso nos pode ser dada pelas mudanças na matemática). A expressão “jogo de linguagem” deve ressaltar aqui o fato de que o falar a linguagem é parte de uma atividade, ou de uma forma de vida. Ponha diante de seus olhos a multiplicidade dos jogos de linguagem a partir destes e outros exemplos: Ordenar, e agir segundo ordens — Descrever um objeto segundo sua aparência, ou por meio de medições — Produzir um objeto segundo uma descrição (um desenho) — Relatar um evento — Levantar suposições sobre esse evento — Formular e testar uma hipótese — Apresentar o resultado de um experimento por meio de tabelas e diagramas — Inventar uma história; e lê-la — Atuar no teatro — Cantar cantigas de Roda — Adivinhar charadas — Elaborar uma piada; contá-la — Resolver um exercício de cálculo aplicado — Traduzir de uma linguagem para outra — Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar.²⁵³

Desse modo, o indeferimento da possibilidade dos jogos de linguagem, ou o não reconhecer essa dinamização, interfere diretamente nas dinâmicas formativas educacionais. O próprio Wittgenstein aponta, em suas *Investigações Filosóficas*, que quando a linguagem assume unicamente um caráter designativo, e não vislumbra seus usos e atividades, conseqüentemente, prevalece o ensino ostensivo da linguagem, esse que é apontado pelo autor como sistema de representação primitiva, que tende somente em apresentar uma metodologia muito rasa a respeito do que é linguagem. Além disso, podemos perceber que ao abordar o tema da linguagem, ele não destaca somente a questão da palavra em seus jogos. Para além dessa argumentação inicial, a releitura de Wittgenstein aplicada aos processos educacionais, entendidos como um conjunto de jogos de palavras, ganha tonalidades plurais. Ou seja, a partir da teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein, a prática de ensino não poderá mais ser sustentada como modelo educativo permanente e enrijecido. Caso isso ocorra, o ensino será executado de modo primitivo, gerando somente adestramento, repetição e afastamento da cotidianidade.

Além dessas possíveis considerações cabe ressaltar que o filósofo austríaco merece certa evidência como educador, pois além de ser professor universitário, em determinado período de sua vida, ministrou aulas para crianças no magistério. E aqui está uma fase que por vezes é deixada à margem. O período que ele trabalhou no magistério não foi como mero cumprimento de cartilhas educacionais. Pelo contrário, esse foi um tempo no qual ele se desdobrou para pensar uma metodologia para ensinar crianças.

No seu entender, a função de professor tinha de estar isenta de qualquer influência que impedisse os alunos de construírem seus próprios conhecimentos, ou melhor, ao professor cabia o papel de ser um “ajudante” na construção do edifício da autonomia intelectual dos alunos [...] Na concepção de Wittgenstein, a criança devia ser incentivada a refletir sobre si mesma, e não ser

²⁵³ WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Fósforo, 2022. p. 37-38.

simplesmente adestrada a repetir aquilo que lhe inculcavam. Ou melhor, desde cedo as crianças deveriam ter oportunidades de descobrirem que podem pensar por si mesmas, e não serem conduzidas a repetir o já pensado. Sua intenção era despertar nas crianças o espírito investigativo sobre as questões que desde cedo permeiam nossa existência, ou melhor transformar a curiosidade infantil num processo que resultasse numa experiência prática.²⁵⁴

A partir de Wittgenstein podemos denunciar o caráter bacharelesco da memorização e do cumprimento prioritário de programas pedagógicos rígidos. Tais posturas educacionais legitimam a formação de uma consciência ingênua. A educação obtém a função de destacar a autonomia na realização dos afazeres educativos, ou seja, possibilitar uma educação que vise a emancipação, que aponte para as responsabilidades da vida, para as intervenções e lutas que promovem liberdade e autonomia. Essa educação não se faz do dia para noite, mas, é conquistada. É educação que se faz negando as decisões verticalizadas e dualistas.

Na prática, o que aprendemos com a teoria de Wittgenstein é que as ações pedagógicas se comportam como jogos de linguagem próprios de cada atividade e objetivo que pretendemos alcançar no processo ensino-aprendizagem. Isso significa dizer que os modelos metodológicos aplicados transversalmente, de maneira quase única, às várias disciplinas de um currículo escolar acabam por limitar ou dificultar o aprendizado. O ideal seria desenvolver metodologias pedagógicas pensadas a partir de cada necessidade de aprendizado, advinda das demandas do cotidiano da sociedade, tornando esse processo algo contínuo, adaptável e aberto a transformações.

2 Wittgenstein: jogos de linguagem e educação teológica

A partir dos apontamentos feitos, fica evidente que Wittgenstein é um autor necessário para a reflexão sobre os desdobramentos educacionais na atualidade, em particular para o campo da educação teológica. Vale notar que a compreensão da linguagem em perspectiva wittgensteiniana denota modos de fazer e pensar a teologia que estão além de um mero dogmatismo, e para além de uma postura apática perante o legado teológico ocidental. A partir da ótica wittgensteiniana é possível considerar que a educação teológica necessita compreender a esfera cotidiana como pluralidade de jogos de linguagem, e tal compreensão, necessariamente, exige a rejeição de toda linguagem educacional de tonalidade unívoca, algo muito próprio aos contextos educacionais da teologia.

Tal empreendimento é de grande impacto formativo, uma vez que acercar-se de promover novos modos de pensar e ensinar as várias áreas do saber teológico — Escrituras, línguas, doutrinas, liturgia, homilética, discipulado, missão, etc. —, esse movimento tenderá a criar novas possibilidades no que compete ao exercício dos profissionais de teologia na sociedade contemporânea, ou seja, sua contribuição para a esfera pública. Cabe aos educadores assumirem, ao vislumbrarem o cotidiano, que a realidade atual é caracterizada por rejeitar posturas totalizantes com base em um discurso calcado apenas na metafísica ou na espiritualização irracional, ou seja, deve-

²⁵⁴ TORREZAN, 1998, p. 122.

se evitar qualquer interpretação fechada ao diálogo. Tal consideração é pertinente ao cenário da educação teológica brasileira atual uma vez que ela se faz herdeira da abordagem ocidental — em especial Norte-americana — que perpetuou esse tipo de educação fechada, insensível à cotidianidade e negligente às várias formas de realidade social. Gianni Vattimo deixa tal questão bem exposta quando pondera que:

A filosofia entre os séculos XIX e XX criticou radicalmente a ideia de história unitária revelando precisamente o carácter ideológico destas representações. Assim, Walter Benjamin, num breve escrito de 1938 (*Tesi sulla filosofia della storia*), afirmou que a história como curso unitário é uma representação construída pelos grupos, e pelas classes sociais dominantes. De facto, que se transmite do passado? Nem tudo o que aconteceu, mas apenas aquilo que parece relevante: por exemplo na escola estudamos muitas datas de batalhas, tratados de paz, revoluções; mas nunca nos narraram as transformações do modo de nutrição, do modo de viver a sexualidade, ou coisas semelhantes. Assim, aquilo de que fala a história são as vicissitudes da gente que conta, dos nobres, dos soberanos, ou da burguesia quando se torna classe de poder: mas os pobres, ou os aspectos da vida que são considerados “baixos”, não “fazem história”. Se se desenvolvem observações como estas (segundo uma via iniciada, antes de Benjamin, por Marx e Nietzsche) chega-se à dissolução da ideia de história como curso unitário; não há uma história única, há imagens dos passados propostas por pontos de vistas diversos, e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar, todos os outros (como seria a história, que engloba a história da arte da literatura, das guerras, da sexualidade, etc.) [...] O ideal europeu de humanidade revelou-se como um ideal entre outros, não necessariamente pior, mas que não pode, sem violência, pretender valer como verdadeira essência do homem, de qualquer homem.²⁵⁵

Para além desse diagnóstico a educação teológica deve estar atenta aos vários desdobramentos que a linguagem e a vida assumem na cotidianidade, isso de fato é uma preocupação wittgensteiniana. Não estar atento aos vários desdobramentos que um conceito e a própria existência assume nas atividades do cotidiano é estar alienado a respeito de uma educação humanizadora, é estar formatado a partir de uma proposta educativa de tonalidades absolutas que não apreende outros modos de educação teológica. Além disso, cabe destacar que a consideração defendida nesse artigo é que a educação teológica, a partir de Wittgenstein, também obtém a função de denunciar a opressão de formações dogmatizadoras e, conseqüentemente, dinamizar o ensino, o aprendizado, as diretrizes políticas educacionais, promovendo tonalidades educacionais que fomentem a humanização, a libertação, o diálogo e a promoção de ambientes democráticos.

Assim, cabe à advertência de que outrora a educação teológica se estendeu na história ocidental valendo-se de uma prerrogativa quase que exclusivamente metafísica, ou

²⁵⁵ VATTIMO, Gianni. *Sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. p. 9-10.

seja, como detentora exclusiva do discurso divino. Ora isso ocorreu em moldura católica, ora foi despontado pelo teor protestante, ou seja, essas duas correntes avaliaram-se donas da verdade, donas da história, e donas mundo. Esse aprisionamento conceitual afastou da teologia a pluralidade da vida, excluiu dimensões outras no que compete ao campo educacional, pois as alteridades divergentes do pensamento católico e protestante foram em grande parte marginalizadas. A história da educação teológica infelizmente se revelou como promotora de uma cristalização exata da compreensão de Deus a partir de confissões, dogmas, doutrinas e práticas ministeriais. Todavia, ao trazer à tona a concepção de educação teológica a partir de Wittgenstein, é possível vislumbrar novos horizontes, que promovam a libertação dos modelos totalizantes e que visem com que a transformação educativa teológica colabore para uma consciência crítica, criativa e ética perpassada pelo pensamento reflexivo e dialógico. Em consequência, espera-se desdobramentos educacionais na revisão de currículos e projetos pedagógicos de escolas teológicas.

Conclusão

As ponderações realizadas nesse artigo visaram a análise e aplicação do pensamento de Wittgenstein, com especial foco na obra *Investigações Filosóficas* (2022), incluindo breve consideração sobre a virada filosófica em seu pensamento. Sua compreensão da linguagem foi obtida por meio dos usos e atividades desde sua experiência no magistério infantil, que ofertou base para a reflexão de uma educação contra sistemas de tonalidades unívocas. A busca pela compreensão do significado dos jogos de linguagem aplicados à educação possibilitou uma compreensão dinâmica perante a formação humana, ou seja, comunicativa e dialógica, e de liberdade para experiências reflexivas.

A aplicação dessas ideias à educação teológica foi demonstrada como necessária, pois, elas exigem e permitem uma formação do teólogo em prol do hábito de pensar criticamente e a partir do cotidiano. Essa realidade educacional em tonalidades teológicas poderá gerar potencialidade transformadora, uma vez que toma como ponto de partida compreensão de que a vida humana se desenvolve na realidade dos jogos de linguagem de Wittgenstein. Contudo, cabe enfatizar que a educação por si só não transforma a realidade, mas é uma das condições para essa transformação desde que se pautem contra uma educação rígida, insensível, polarizada e autoritária. Assim, junto com Wittgenstein julgamos ser possível sonhar com virada transformadora da educação teológica em prol da libertação de toda opressão limitadora da expressão da dignidade humana e de uma participação relevante da teologia no espaço público.

Referências

- NAGEL, Lizia Helena. Paganismo e cristianismo: concepção de homem e educação. In: OLIVEIRA, Terezinha (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: EDUEM, 2002, p. 35-45.
- RODRIGUES, Giovane; TRANJAN, Tiago. Apresentação. In: WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Fósforo, 2022.



TORREZAN, Marlene. *Wittgenstein: A educação como um jogo de linguagem*. Dissertação. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 1998.

VATTIMO, Gianni. *Sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Cultura e valor*. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Estética, Psicologia e Religião: palestras e conversações*. Org: Cyril Barret. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Fósforo, 2022.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Luz e sombras: uma experiência noturna (onírica) e um fragmento de carta*. Trad. Edgar da Rocha Marques. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Movimentos de pensamentos: diários de 1930/1936-1937*. Trad. Edgar da Rocha Marques. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos; 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.